



DOI: 10.22476/revcted.v8.id626

ISSN: 2447-4223

CONSTITUIÇÃO E ATUAÇÃO DO GRUPO DE HOMENS DO NIASE: NOVAS MASCULINIDADES ALTERNATIVAS COMO PREVENÇÃO E SUPERAÇÃO DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Ernesto Ferreira Galli¹

 <http://orcid.org/0000-0002-8580-5160>

UFSCar, Centro de Educação e Ciências Humanas, NIASE, São Carlos, SP, Brasil

Bruno Cortegoso Prezenszky²

 <http://orcid.org/0000-0002-3863-1559>

UFSCar, Centro de Educação e Ciências Humanas, NIASE, São Carlos, SP, Brasil

William Rossani dos Santos³

 <https://orcid.org/0000-0001-5121-6192>

UFSCar, Centro de Educação e Ciências Humanas, NIASE, São Carlos, SP, Brasil

Anselmo Calzolari⁴

 <https://orcid.org/0000-0002-6703-9079>

UFSCar, Centro de Ciências Agrárias, Departamento de Ciências da Natureza, Matemática e Educação, Araras, SP, Brasil

Antonio Álvaro Soares Zuin⁵

 <http://orcid.org/0000-0002-6850-2897>

UFSCar, Centro de Educação e Ciências Humanas, Departamento de Educação, São Carlos, SP, Brasil

Submetido em: 15/11/2022	Aceito em: 15/12/2022	Publicado em: 31/12/2022
---------------------------------	------------------------------	---------------------------------

¹Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Pesquisador no Núcleo de Intervenção e Ação Social e Educativa - NIASE-UFSCar. Email: efgalli@gmail.com

²Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Pesquisador no Núcleo de Intervenção e Ação Social e Educativa - NIASE-UFSCar. Email: brucorpre@gmail.com

³Doutorando em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Pesquisador no Núcleo de intervenção e Ação Social e Educativa - NIASE-UFSCar. E-mail: william_rossani@hotmail.com

⁴Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Universidade Federal de São Carlos, campus Araras. E-mail: anselmo@ufscar.br.

⁵Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos. E-mail: dazu@ufscar.br.



Resumo

A superação e a prevenção da violência de gênero demandam um posicionamento claro e ativo de homens que combatem as diversas formas de violência em nossa sociedade. A literatura acerca do papel das masculinidades em relação à prevenção e violência identificam modelos de masculinidade tradicionais que sustentam essa violência (masculinidades dominantes e oprimidas) e outras que, pela sua própria ação corajosa de enfrentamento às violências, ajudam a superá-la. No presente artigo apresentamos como se deu a constituição, o desenvolvimento do Grupo de Homens do NIASE, voltado ao fortalecimento e visibilização de Novas Masculinidades Alternativas, bem como sua atuação e contribuições decorrentes. O texto apresenta as bases teóricas e práticas acerca da socialização para atração pela violência, da socialização preventiva, dos modelos tradicionais e alternativos de masculinidade e a evolução das pesquisas na linha. Esse levantamento bibliográfico explicita como as análises teóricas sobre a socialização preventiva permite a proposição de ações em consonância com a literatura científica nacional quanto à prevenção de violência de gênero. Em seguida, o artigo discute as ações desenvolvidas pelo grupo, como formação em escolas, palestras, produções audiovisuais, entre outras, baseadas nos dados científicos e propostas teóricas e com resultados positivos. Além da formação externa ao grupo de pesquisa, os estudos e ações desenvolvidos pelo grupo de homens estabelece uma via de mão dupla com os demais eixos e sub-grupos do próprio NIASE, contribuindo para a formação de seus e suas integrantes.

Palavras-chave: masculinidade; prevenção; violência de gênero.

CONSTITUTION AND ACTION OF NIASE'S MEN'S GROUP: NEW ALTERNATIVE MASCULINITIES AS PREVENTION AND OVERCOMING OF GENDER VIOLENCE

Abstract

Overcoming and preventing gender-based violence demands a clear and active positioning of men who combat the various forms of violence in our society. The literature about the role of masculinities in relation to prevention and violence identifies traditional masculinity models that sustain this violence (dominant and oppressed masculinities) and others that, by their own courageous action of confronting violence, help to overcome it. In this article we present the constitution and development of the NIASE Men's Group, focused on the strengthening and visibility of New Alternative Masculinities, as well as its performance and contributions. The text presents the theoretical and practical bases about socialization for attraction to violence, preventive socialization, traditional and alternative models of masculinity, and the evolution of research in this line. This bibliographical survey explains how the theoretical analyses on preventive socialization allow the proposition of actions in line with the national scientific literature regarding the prevention of gender violence. Next, the article discusses the actions developed by the group, such as training in schools, lectures, audiovisual productions, among others, based on scientific data and theoretical proposals and with positive results. Besides the external formation to the research group, the studies and actions developed by the group of men establish a two-way street with the other axes and subgroups of NIASE itself, contributing to the formation of its members.



Keywords: masculinity; prevention; gender-based violence.

CONSTITUCIÓN Y ACTUACIÓN DEL GRUPO DE HOMBRES NIASE: NUEVAS MASCULINIDADES ALTERNATIVAS COMO PREVENCIÓN Y SUPERACIÓN DE LA VIOLENCIA DE GÉNERO

Resumen

La superación y prevención de la violencia de género exige un posicionamiento claro y activo de los hombres que combaten las diversas formas de violencia en nuestra sociedad. La literatura sobre el papel de las masculinidades en relación con la prevención y la violencia identifica modelos de masculinidad tradicionales que sustentan esta violencia (masculinidades dominantes y oprimidas) y otros que, por su propia acción valiente de enfrentamiento a la violencia, ayudan a superarla. En este artículo presentamos la constitución y desarrollo del Grupo de Hombres NIASE, centrado en el fortalecimiento y visibilidad de las Nuevas Masculinidades Alternativas, así como su actuación y contribuciones. El texto presenta las bases teóricas y prácticas sobre la socialización para la atracción a la violencia, la socialización preventiva, los modelos tradicionales y alternativos de masculinidad y la evolución de las investigaciones en esta línea. El levantamiento bibliográfico explica cómo los análisis teóricos sobre socialización preventiva permiten proponer acciones en consonancia con la literatura científica nacional sobre prevención de la violencia de género. En seguida, el artículo discute las acciones desarrolladas por el grupo, como capacitaciones en escuelas, charlas, producciones audiovisuales, entre otras, basadas en datos científicos y propuestas teóricas y con resultados positivos. Además de la formación externa al grupo de investigación, los estudios y acciones desarrollados por el grupo de hombres establecen una vía de doble sentido con los demás ejes y subgrupos del propio NIASE, contribuyendo a la formación de sus miembros.

Palabras clave: masculinidad; prevención; violencia de género.

Introdução

Em comemoração aos 20 anos do Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE) da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, buscaremos, por meio de um relato de experiência, descrever o histórico de constituição, a produção acadêmica científica e as atuações do Grupo de Homens⁶ pertencentes a este Núcleo, além de apresentar o embasamento teórico sobre masculinidade e a perspectiva da prevenção de violência que vêm subsidiando tanto as pesquisas, quanto as atuações formativas.

O NIASE é um grupo que desenvolve pesquisa, ensino e extensão com o objetivo de transformação social e educativa no contexto da Sociedade da Informação. Teve início em 2002,

⁶ Grupo inserido no eixo de Prevenção de Violência de Gênero e Educação Antirracista do NIASE



após o retorno, de um curso de pós-doutorado, da Profa. Dra. Roseli Rodrigues de Mello, realizado no Community of Research on Excellence for All - CREA, da Universidade de Barcelona. Durante esse período, teve contato com o referencial da Aprendizagem Dialógica e as Comunidades de Aprendizagem, um modelo de escola elaborado para as demandas da Sociedade da Informação e difundido por diferentes países do mundo. Foi a primeira pesquisadora brasileira a transferir as Comunidades de Aprendizagem para o contexto brasileiro, buscando o desenvolvimento do projeto em escolas da cidade de São Carlos. Hoje, o Brasil conta com várias escolas transformadas em Comunidades de Aprendizagem, além de inúmeras instituições escolares que desenvolvem Ações Educativas de Êxito (MELLO; BRAGA; GABASSA, 2012).

Em 2004, os estudos do CREA sobre masculinidades avançaram, no que tange à superação de violência de gênero, com a publicação do livro “O amor na sociedade de risco: uma tentativa educativa”, de Jesus Gómez (2004), influenciando diretamente a atuação que vinha acontecendo no NIASE neste período. Nesta obra, o autor reviu as principais teorias sobre o amor e formas de atração e eleição/escolha de parcerias nas relações afetivo-sexuais existentes, dando centralidade aos adolescentes, de modo a analisar as diferentes formas de socialização afetivo-sexual e examinar de que modo essas variadas formas de se relacionar socializam as pessoas para o amor ou para a violência.

Foi e continua sendo um livro fundamental na literatura acadêmica, juntamente com posterior livro de Elena Duque (2006), pois, além de centrarem suas investigações na juventude, encaminharam o desenvolvimento de diversas pesquisas científicas ao redor do mundo pelo direcionamento aos conceitos de amor e atração como elementos da socialização, portanto aprendidos, e a relação direta com a forma como vamos aprendendo a naturalizar e conviver com a atração por pessoas violentas ou aprendendo a se atrair e escolher pessoas corajosas e igualitárias para nos relacionarmos afetivo-sexualmente (GÓMEZ, 2004; DUQUE, 2006).

Outro estudo também foi essencial para o avanço nestas discussões, Oliver e Valls (2004) publicaram um trabalho sobre a prevenção da violência intitulado “Violência de gênero: investigações sobre quem, por que e como superá-la (tradução nossa)”. Nele, as autoras utilizam o conceito de prevenção a partir de uma grande revisão sistemática de pesquisas sobre o tema. Este estudo foi pioneiro na inferência de que as novas masculinidades seriam um ponto-chave a ser debatido na prevenção e superação do fenômeno da violência.



A partir deste momento, o trabalho do CREA propõe uma alteração significativa no debate internacional. No site do próprio grupo, há um levantamento de artigos publicados pelo CREA na plataforma Web of Science, no qual é possível identificar que foram escritos cerca de 45 trabalhos para descrever o caminho até o conceito de Novas Masculinidades Alternativas (NAM). Citamos alguns para exemplificar este caminho. Valls, Puigvert e Duque (2008) publicaram o trabalho “Violência de gênero entre adolescentes: socialização e prevenção”(tradução nossa) abordando como socializar estudantes adolescentes dentro de um modelo preventivo. Ampliando o debate, Oliver, Soler e Flecha (2009) publicaram um artigo focado em formas de pensar ações para uma socialização preventiva e Valls, Torrego, Colas e Ruiz (2009) abordam a necessidade de se discutir e implementar ações de prevenção de violência de gênero nas universidades espanholas.

Com o aumento das publicações envolvendo a prevenção e masculinidade, o trabalho do CREA começou a ganhar mais corpo neste período. Ríos (2009) publica sua tese de doutorado intitulada “Socialização de gênero: a construção da masculinidade na escola”, focando no debate de masculinidade na escola, em que aborda a socialização para modelos que se distanciam da masculinidade hegemônica, conceito esse que será definido mais adiante nesse artigo. Nota-se que o conceito de Novas Masculinidades ainda não aparecia com clareza, apesar de constar no trabalho o termo “Masculinidades Alternativas” (2009, p. 16). O referido trabalho foi fundamental para o andamento da discussão sobre masculinidades, bem como inspirou anos depois, a partir do encontro de um membro do NIASE com Oriol Ríos, a constituição do Grupo de Homens/NIASE no Brasil.

Em 2010, Rios e Christou publicaram um texto sobre como funciona a linguagem sexista e como podemos estabelecer relações mais igualitárias e dialógicas, aliando linguagem da ética e linguagem do desejo, prevenindo assim a violência de gênero. Nos anos de 2011 e 2012, quatro textos foram publicados abordando a socialização e como avançar, a partir da aliança das linguagens para um modelo de masculinidade mais distante do modelo hegemônico vigente. Além disso, são textos que discutem de que forma os atos comunicativos podem favorecer uma “nova masculinidade” (PORTELL, PULIDO, 2012). Observa-se que até aqui, apesar do termo ser utilizado nos artigos, ainda não estava conceituado como “Novas Masculinidades Alternativas”, como será detalhado adiante, mas que já há o reconhecimento de um modelo de masculinidade preventivo.

Por fim, em 2013 temos o grande marco para o avanço dos debates sobre masculinidade e prevenção de violência de gênero com a publicação do artigo “Novas masculinidades alternativas e



a superação da violência de gênero” (FLECHA, PUIGVERT, RIOS, 2013, tradução nossa), em que são apresentados os conceitos de masculinidade tradicional dominante e masculinidade tradicional oprimida, os quais estão ligados à perpetuação da violência de gênero. Neste artigo, o conceito de Novas Masculinidades Alternativas (NAM) surge pela primeira vez para embasar a discussão sobre gênero nos anos seguintes. Neste contexto, o CREA seguiu com o trabalho sobre a prevenção e masculinidade e com a publicação de pesquisas científicas sobre o tema. De 2013 até o ano de 2022 foram publicados em revistas revisadas por pares cerca de 35 textos.

Assim, dentro desse debate, nasceu o grupo de homens do NIASE, em 2010, quando Alexandre Nishiwaki da Silva se encontra com Oriol Rios em uma viagem para Barcelona e traz a proposta para o NIASE, como mencionado anteriormente. Em seus primeiros anos, o grupo era composto por quatro homens integrantes do núcleo e coordenado pelo Prof. Dr. Paulo Eduardo Gomes Bento, um dos fundadores do NIASE. O debate centrava-se em compreender o conceito de masculinidade, bem como formas de se relacionar, em âmbito pessoal, de forma mais igualitária.

A publicação de Flecha, Puigvert e Rios (2013) alterou o diálogo que se propunha no Grupo de Homens do NIASE, principalmente quanto à preocupação em conceituar a masculinidade e pensá-la a partir de uma perspectiva comunicativa e dialógica, igualitária. Com a publicação deste trabalho, iniciamos discussões sobre como nos apropriarmos do conceito em nosso dia-a-dia, em nossas relações amorosas e de amizade.

Essa alteração teve reflexo no próprio NIASE e pode ser observada em como a disciplina optativa Feminismo Dialógico, ofertada inicialmente no curso de graduação em Pedagogia da UFSCar, foi se alterando. Conforme afirma Bachega et al. (2019, p. 278): “o conteúdo da disciplina passou de aspectos mais teóricos do debate feminista para ações voltadas à prevenção e ao enfrentamento da violência contra mulher”. Ou seja, o debate sobre a prevenção de violência passou a não se restringir apenas ao grupo de homens ou ao grupo de mulheres já existentes, mas a todo o NIASE.

Conforme as discussões do NIASE avançaram, o Grupo de Homens começou a debater ações e possibilidades de formação nas escolas, que eram Comunidades de Aprendizagem, com intenção de se constituir em grupo tanto de estudos e pesquisas, quanto de atuação em processos formativos. O início do trabalho prático foi realizado com apresentações sobre o tema da prevenção da violência na disciplina de Feminismo Dialógico.



Assim, para descrever o trabalho de atuação do Grupo de Homens do NIASE, destacamos a seguir uma breve revisão sobre o conceito de masculinidade, bem como alguns dados sobre violência de gênero, reafirmando a necessidade deste debate que fundamenta nossa atuação. Na sequência, será explanado o que foi realizado em ações do grupo, descrevendo as teses, trabalhos e formações. Por fim, finalizamos com alguns pontos para compreender a forma como esses trabalhos caminham ao encontro da prevenção da violência e da promoção de novas masculinidades alternativas.

O amor na sociedade do risco: Novas masculinidades alternativas e a prevenção da violência de gênero

Desde o seu surgimento, o Grupo de Homens do NIASE vem se aprofundando no diálogo relativo ao papel das masculinidades na prevenção e superação da violência de gênero, tendo como respaldo, especialmente, a base teórica da Aprendizagem Dialógica, desenvolvida pelo CREA. A violência de gênero é um tema de grande preocupação por diversos órgãos internacionais, uma vez que o fenômeno das violências tem sido encarado como um problema global de saúde pública e a violência contra as mulheres, em específico, vem sendo apontada como uma grave violação dos direitos humanos (DAHLBERG; KRUG, 2007; WORLD HEALTH ORGANIZATION - OMS, 2021).

De acordo com Krug et al. (2002) no relatório para a Organização Mundial da Saúde - OMS, a violência pode ser definida como “o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação” (id ibid, p. 5, tradução nossa).

Essa definição associa diretamente “a intencionalidade com a realização do ato, independentemente do resultado produzido” (DAHLBERG; KRUG, 2007, p. 1165), excluindo os incidentes não intencionais, como aqueles produzidos por ferimentos no trânsito ou queimaduras em incêndio. Isso significa que, embora algumas práticas culturais desconsiderem determinados atos como violentos, a violência não deve, nem pode ser entendida, como algo relativo, já que o seu exercício acarreta em prejuízos diretos na saúde e no bem-estar dos indivíduos envolvidos.

De forma geral, a violência pode ser tipificada em três grandes grupos: (a) violência autodirigida, quando uma pessoa inflige a si mesmo; (b) violência interpessoal, quando a violência é



infligida a outra pessoa; e (c) violência coletiva, quando esta é gerada por grupos maiores, como estados, grupos políticos organizados, grupos de milícia e organizações terroristas. Essa tipologia inclui a natureza dos diferentes atos violentos, que pode ser classificada em: 1) física; 2) sexual; 3) psicológica; 4) relacionada à privação ou ao abandono (DAHLBERG; KRUG, 2007).

O relatório mais recente produzido pela OMS contendo uma revisão sistemática de dados relativos à violência por parceiro íntimo e à violência sexual que não envolve o parceiro íntimo, coletados entre os anos 2000-2018, aponta que cerca de 27% (UI 23–31%) das mulheres casadas/companheiras entre 15 a 49 anos, sofreram violência física e/ou sexual de um atual ou ex-marido ou parceiro íntimo masculino pelo menos uma vez na vida (desde os 15 anos de idade), o que representa um número estimado de 641 a 753 milhões de mulheres no mundo. Uma em quatro dessas mulheres estão nas faixas dos 15-19 anos de idade. Além disso, 13% (UI 10–16%) das mulheres, nesta faixa etária, já foram submetidas à violência física e/ou sexual por parceiro íntimo em algum momento nos últimos 12 meses (245 a 307 milhões de mulheres no mundo) (OMS, 2021).

Quanto às estimativas de prevalência de violência entre não-parceiros, que podem envolver um parente, amigo, conhecido ou estranho do sexo masculino, os dados indicam um percentual de 6% (IU 4–9%) entre as mulheres de 15–49 que foram submetidas à violência sexual não praticada pelo parceiro pelo menos uma vez na vida (desde que atingiram 15 anos de idade). Segundo o relatório, tais dados:

Estes achados devem ser interpretados com cautela, considerando que esta forma de violência é particularmente estigmatizada globalmente e especialmente em sociedades altamente tradicionais e patriarcais, onde a revelação está associada ao medo de culpa e muitas vezes graves repercussões para a vítima (OMS, 2021, p. xv - tradução nossa).

Somando esses dois tipos de violência, é possível concluir que uma em cada três mulheres entre 15 e 49 anos em todo o mundo (31% - UI 27–36%), já sofreram violência física e/ou sexual, seja por seu parceiro íntimo ou por outro indivíduo do sexo masculino que não é um atual/ex-marido ou parceiro íntimo pelo menos uma vez em suas vidas (736 a 852 milhões de mulheres).

Preocupados com o fenômeno da violência que afeta a saúde pública e a qualidade de vida, tanto das mulheres quanto dos homens, o Grupo de Homens do NIASE tem como um de seus principais objetivos compreender de que forma a socialização em masculinidades igualitárias pode contribuir para a prevenção e superação da violência de gênero. A esse respeito, o grupo tem se



orientado por meio dos estudos científicos sobre masculinidades que vêm se desenvolvendo desde a década de 1980 (KESSLER et al., 1985, KIMMEL, 1996; KAUFMAN, 2007; CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013; FLECHA; PUIGVERT, RÍOS, 2013; SANDÚAL; MARA, 2014).

Os conceitos de masculinidade produzidos pelos estudos sobre homens (men's studies) tiveram uma importante influência nos estudos de gênero, principalmente a partir da superação de sua natureza essencialista e reificadora que atribuem à masculinidade estereótipos rígidos ou ligados a papéis de gênero (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). Um dos primeiros conceitos desenvolvidos neste campo foi o conceito de masculinidade hegemônica, elaborado inicialmente por Kessler et al. (1985). Este conceito inicialmente apresentou a existência de um modelo ideal de ser homem na sociedade, uma naturalização da identidade de gênero masculina, que envolve a agressividade, a dominação e a legitimação do poder masculino através das organizações sociais e culturais.

Entretanto, de acordo com Connell e Messerschmidt (2013), tal modelo parecia atuar mais como um símbolo do que como uma prática, já que a maioria dos homens e meninos não vivem de acordo com ela. A explicitação dessa ambiguidade entre hegemonia e socialização neste tipo de masculinidade indicou a diversidade de identidades masculinas no mundo baseada em diferentes padrões culturais. Com efeito, desde o seu surgimento, o conceito de masculinidade hegemônica passou por inúmeras revisões que forçaram o reconhecimento de masculinidades múltiplas e masculinidades transformadoras que não estão submetidas à ideia de masculinidade como um padrão de hegemonia.

Com o desenvolvimento dos estudos sobre a masculinidade hegemônica, foi verificado, por exemplo, que, embora as principais características deste tipo de masculinidade estejam ligadas principalmente ao status de dominância, como um exercício de poder social e ideal de masculinidade em relação às masculinidades consideradas subordinadas, esta hegemonia não está, necessariamente, restrita à força e à violência, porque embora haja diferentes modelos hegemônicos que se caracterizam por práticas desiguais de gênero, nem todos eles são violentos (CONNELL, 2012; CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

Essa evidência tornou-se mais consistente a partir da análise das masculinidades levando em consideração a linguagem da ética e do desejo (RIOS; CHRISTOU, 2010). O enfoque voltado para a linguagem do desejo em associação com a linguagem da ética ocorreu justamente quando ficou claro para os pesquisadores da área que a abordagem de redução das desigualdades e da violência



de gênero apenas à linguagem da ética impedia o vislumbre da socialização para a violência baseada em elementos de atração e desejo. De acordo com Flecha, Puigvert e Ríos (2013), o que contribui para esse tipo de socialização é a intensa promoção cultural e midiática que vincula violência com excitação sexual, de um lado, e igualdade e falta de excitação sexual, de outro, o que leva aos indivíduos associarem risco ao prazer sexual.

Diferentes autores têm apontado que a vinculação entre violência e desejo é reforçada pela compreensão equivocada da atração e do amor como um constituinte biológico, quando, na verdade, tratam-se de processos sociais que, por isso mesmo, não são determinados, podendo ser transformados (SEIDLER, 1994; GÓMEZ, 2004; FLECHA, PUIGVERT, RÍOS, 2013; SANDÚAL, MARA, 2014).

Para os autores supracitados, a noção do amor e da atração sob a ótica da impulsividade, inevitabilidade e inexplicabilidade introduziria as pessoas em um tipo de socialização determinada pelas condições adversas dos relacionamentos, uma vez que, neste entendimento, não há a possibilidade de se prever, controlar e superar relações afetivo-sexuais, incluindo aquelas baseadas em violência. Portanto, foi ficando evidente que o entrelaçamento da linguagem do desejo com a violência precisava se constituir como a base analítica científica para o entendimento das socializações masculinas em relação à violência de gênero, pois apresentava formas empíricas de se verificar a correlação entre ideias deterministas da atração e as consequências da violência.

As pesquisas que se desenvolveram neste sentido indicaram três modelos de masculinidades a partir das associações com a violência de gênero: I. a Masculinidade Tradicional Dominante, baseada na linguagem do desejo e da ausência de ética - elementos que, quando associados, fomentam a violência de gênero; II. a Masculinidade Tradicional Oprimida, que embora possa ser entendida no interior da linguagem da ética, é complementar à primeira, por não apresentar a linguagem do desejo e reforçar a existência e ações das masculinidades opressoras; e, por fim, III. as Novas Masculinidades Alternativas, que, diferentes das demais, agregam, tanto a linguagem da ética quanto a linguagem do desejo simultaneamente, permitindo a transformação de relações afetivo-sexuais desiguais e, conseqüentemente, atuando em direção à prevenção e superação da violência contra as mulheres (FLECHA, PUIGVERT, RÍOS, 2013; SANDÚAL; MARA, 2014).

O atual conceito de Masculinidade Tradicional Dominante compila muitas das características do que anteriormente havia sido conhecido como Masculinidades Hegemônicas (CONNEL, 2012; KIMMEL, 1996; CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013) e como Modelo



Tradicional de Masculinidade (GIDDENS, 1993), embora apresentem distinções significativas (GÓMEZ, 2004). Em geral, homens que exercitam este tipo de masculinidade tendem a agir “de forma violenta como resultado de um processo de socialização nas relações afetivas sexuais a partir do vínculo entre violência, atratividade e desejo” (FLECHA, PUIGVERT, RÍOS, 2013, p. 93). Entretanto, salienta-se que nem todos os homens identificados a esse modelo de masculinidade são violentos, mas todos os homens que são violentos fazem parte dele (CONNELL, 2012).

Diferentemente desta, as Masculinidades Tradicionais Oprimidas se caracterizam pela ausência de violência, mas também por serem exercidas por homens que carecem da linguagem do desejo, pela falta de atratividade. De acordo com Flecha, Puigvert e Ríos (2013), muitas vezes esses homens considerados oprimidos dentro da masculinidade tradicional foram identificados como masculinidades alternativas. No entanto, diferentemente deste último, é um tipo de masculinidade que não suscita atração, reforçando e mantendo a procura por homens com exercício de masculinidades que podem ser violentas. Pode-se dizer, a esse respeito, que as Masculinidades Tradicionais Oprimidas atuam, portanto, como um complemento ao modelo de Masculinidade Tradicional Dominante, sendo um impeditivo, não só à redução da violência contra a mulher, mas à prevenção da violência de gênero.

O único modelo de masculinidade cujo reconhecimento está ligado à prevenção e superação da violência de gênero é o modelo das Novas Masculinidades Alternativas, na medida em que alia a linguagem da ética à linguagem do desejo. Essa masculinidade está em oposição às anteriores por algumas características particulares: são homens que combinam atração e igualdade, gerando desejo sexual e, portanto, sendo uma possibilidade de atração pelas mulheres em relação às Masculinidades Tradicionais Dominantes; são homens que se opõem publicamente à violência de gênero e valores machistas, sexistas e racistas; além de se afastarem de relações desiguais e violentas, buscando sempre relações igualitárias baseadas no amor e no desejo.

Gómez (2004) ainda explicita alguns aspectos característicos dessa masculinidade em oposição às Masculinidades Tradicionais Dominantes, tais como: a autoconfiança, a força e a coragem. Esses elementos são característicos neste modelo, pois estudos demonstraram que a autoconfiança promove a atratividade nos homens, principalmente, quando esses possuem valores igualitários. Por sua vez, a força e a coragem são consideradas estratégias utilizadas por homens que optam ser igualitários para combater e ridicularizar atitudes negativas provenientes de masculinidades violentas que propagam o machismo, o sexismo e o racismo.



Entre os avanços significativos dos estudos científicos mais recentes sobre as masculinidades, destaca-se os que resgatam a natureza dinâmica destas que dependem da socialização dos homens em diferentes contextos sociais e culturais. Para Connell e Messerschmidt (2013), os “titulares da masculinidade hegemônica não são necessariamente ‘entorpecidos culturais’, eles podem tentar ativamente modernizar as relações de gênero e remodelar as masculinidades como parte de contratos” (p. 272).

Estudos empíricos têm corroborado essa afirmação ao apontar a possibilidade de transformação das Masculinidades Tradicionais Dominantes para Novas Masculinidades alternativas, as quais não são modelos ainda por existir, mas sempre existiram na história da humanidade. Tais dados são centrais já que, para além do combate à violência de gênero por homens que já exercem masculinidades igualitárias, os homens podem transformar a si mesmos, favorecendo, assim, a superação das diferentes violências perpetradas contra as mulheres.

No tópico a seguir, apresentamos as ações que vêm sendo desenvolvidas pelo Grupo de Homens para a prevenção da violência de gênero, tendo por base pesquisas científicas elaborando o tema e atuações educativas que têm evidenciado a diminuição da violência nos contextos escolares.

O Grupo de Homens e sua contribuição para a Prevenção da Violência de Gênero: Atuações em Ensino, Pesquisa e Formação

Ao longo dos 12 anos de existência do Grupo de Homens, os estudos em torno da temática das Novas Masculinidades Alternativas e sua contribuição para a superação da violência de gênero tiveram impactos nas diversas ações e temáticas abordadas tanto pelo próprio grupo quanto pelo NIASE. Como indicado na seção introdutória do presente artigo, os estudos acerca das masculinidades e a sua relação com a violência de gênero têm avançado na literatura internacional e nacional, como as produzidas pelo próprio grupo.

Considerando as **atividades de ensino** desenvolvidas por docentes do NIASE, tem havido um movimento propositivo de abordar o papel das Novas Masculinidades Alternativas na superação da violência contra a mulher. A análise realizada por Bacheга et al. (2019) sobre a evolução das temáticas e bases bibliográficas de uma disciplina ofertada por professoras e professores do Núcleo em suas diversas edições ao longo de 10 anos, intitulada “Feminismo Dialógico”, indicou que a disciplina inicia com uma perspectiva mais teórica, abordando a história do próprio feminismo, as



diferentes vertentes do feminismo, as bases da abordagem dialógica, a identificação e definição da Violência de Gênero etc. No entanto, ao longo do tempo o foco desta disciplina alterou-se para as discussões diretas sobre ações preventivas da Violência de Gênero. Neste contexto, a discussão acerca da socialização para a atração pela violência passou a ter maior centralidade, incluindo as discussões sobre os dois modelos de masculinidade tradicionais e das Novas Masculinidades Alternativas, contando, com frequência, com a participação de homens do grupo nessas aulas.

Outra atuação com ensino que envolveu integrantes do Grupo de Homens como equipe docente, abordando os conceitos de Socialização Preventiva e Novas Masculinidades Alternativas, foi a Atividade Curricular de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão (ACIEPE⁷): Modelo Dialógico de Prevenção e Resolução de Conflitos⁸. Esta atividade, oferecida entre maio e junho de 2020, no período de distanciamento social ocasionado pela pandemia de COVID-19, atendeu 109 participantes, entre estudantes de graduação e profissionais da educação de diferentes regiões do Brasil. Há artigos submetidos a revistas científicas detalhando e produzindo conhecimentos referentes a esta atividade. Ao mesmo tempo, durante o período de planejamento e posterior execução da ACIEPE, integrantes do grupo fortaleceram as interações, mesmo em condições remotas. Pode-se considerar um marco da retomada do Grupo de Homens, que estava latente desde o falecimento do Prof. Paulo Bento em 2019. Os estudos e diálogos para a ACIEPE estimularam a retomada de encontros periódicos do Grupo de Homens e o redirecionamento de seu papel com possibilidades de atuação, provocando a reconstituição do grupo.

Uma das principais posturas assumidas pelo Grupo de Homens, promovida no NIASE, vem sendo ultrapassar, enquanto professores e pesquisadores, as fronteiras da denúncia de situações e atitudes violentas para alcançar o anúncio de práticas superadoras da violência de gênero. Esta postura está fundamentada no conceito freireano de “pronúncia do mundo”, compreendendo denúncias com anúncios. “Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar” (FREIRE, 2002; p.78).

Nesse sentido, tomando as **pesquisas científicas** como caminho, os membros do grupo têm buscado identificar práticas que apresentem evidência de superação de violência, como foco

7 Atividades complementares para os currículos de Graduação da UFSCar que integram o tripé da Universidade, envolvendo docentes, estudantes e técnicos e na interação com diferentes segmentos da sociedade/comunidade externa. Para saber mais: <https://www.proex.ufscar.br/cursos>

8 Processo ProEx/SEI nº 23112.008353/2020-48



especial em sua prevenção e na promoção e fortalecimento de novas masculinidades alternativas. No âmbito nacional, de acordo com Prezenszky et al (2018) e Oliveira e Gomes (2011), prevalece na literatura nacional pesquisas junto a homens agressores, investigando ações que visam à prevenção da reincidência. A perspectiva adotada pelo grupo entende, no mesmo sentido de Kaufman (2007) e Flecha, Puigvert e Rios (2013), que os homens têm um papel fundamental e histórico na luta contra a violência de gênero, portanto busca dar visibilidade a homens que além de não serem agressores, agem de forma a combater a violência, exercitando as Novas Masculinidades Alternativas.

Considerando as produções nessa direção, podemos destacar **artigos** produzidos por integrantes do grupo. Em 2018, Prezenszky et al. escreveram um trabalho sobre a prevenção da violência de gênero a partir da revisão de bases de dados brasileiras. Há também outros artigos que visam a identificar as contribuições do pensamento pedagógico de diversos autores clássicos para a construção de masculinidades (NISHIWAKI DA SILVA, 2017; NISHIWAKI DA SILVA; CONTI, 2018; NISHIWAKI DA SILVA; CONTI, 2022; NISHIWAKI DA SILVA, 2021a e 2021b). Essa produção ressalta o papel central da teoria dialógica de Paulo Freire para a construção de relações mais dialógicas e a promoção de Novas Masculinidades Alternativas. Dentre os conceitos centrais ressaltados estão o próprio conceito de diálogo, a solidariedade, a igualdade e a transformação.

No que tange à produção acadêmica em **teses de doutoramento**, Nishiwaki da Silva (2017) produziu uma tese sobre masculinidade nos clássicos da didática, desdobrada nos artigos citados anteriormente. Em 2020, Galli defendeu sua tese investigando empiricamente uma turma de estudantes da Educação Infantil, em uma escola da cidade de São Carlos, sobre a socialização de meninos nas Novas Masculinidades Alternativas pelo Modelo Dialógico de Prevenção e Resolução de Conflitos, especificamente na prática do Clube de Valentes. O trabalho buscou problematizar como os meninos são socializados dentro de um modelo violento e hegemônico:

a violência é uma das marcas da socialização, seja na infância, ou adolescência, momento em que os jovens iniciam sua vida sexual de relacionamento com outras pessoas, e é neste momento que a base da violência contra a mulher sai da “coisa de criança” para virar violência de gênero contra a mulher” (GALLI, 2020, p. 58).

Para superar essa socialização, principalmente dentro da escola, se propõe o Clube de Valentes: “Eles se definem e a si próprios como corajosos, porque assumem que valentes, e não



furtivos, é aquele que denuncia qualquer ação, apoia e defende a vítima e rejeita comportamentos e atitudes violentas” (SANCHO LONGAS, 2016, p. 4). Nesta prática, as crianças defendem os colegas da violência por meio da rejeição da violência e das ações violentas por meio do isolamento de quem tem ações agressivas. Quando a pessoa apresenta mudanças, ele retorna ao grupo.

Essa prática apresenta para as crianças pequenas como é possível escolher amigos e amigas que não nos maltrate, visto que as ações corajosas são valorizadas, as ações de defesa de colegas, de preocupação, as quais são vistas como éticas, mas que durante o exercício no Clube de Valentes elas passam a ser desejadas. Assim, essa atividade favorece uma socialização preventiva dos meninos para o modelo das Novas Masculinidades Alternativas. A tese conclui que:

A atividade acaba se configurando como uma forma de prevenir a violência, principalmente por valorizar ações corajosas. No caso dos meninos, valoriza um modelo de masculinidade diferente do hegemônico, um modelo igualitário, solidário que é contra a violência e, por isso, é corajoso (GALLI, 2020, p.174).

A formação de Novas Masculinidades Alternativas também foi tema de tese de doutoramento de Prezenszky (2021), que buscou identificar, junto a educadores, como se deu sua socialização, tendo em vista se tratarem, eles próprios, de Novas Masculinidades Alternativas. Por meio de entrevistas e grupos de discussão comunicativos, orientados pela Metodologia Comunicativa (GÓMEZ et al, 2006), foi identificado que ao longo de suas vidas, todos os participantes estiveram em contato com processos de socialização tradicional e alternativa, mas que a reflexividade dialógica, o contato com a teoria dialógica acerca da socialização preventiva da violência de gênero e âmbitos de reflexão e fortalecimento de NAMs haviam sido essenciais para sua identificação, afirmação e escolha diária por esse modelo de masculinidade.

Além disso, Prezenszky (2021) também identifica a centralidade do ambiente escolar como espaço de socialização, especialmente durante a fase da adolescência. Ressalta, no entanto, que na história dos participantes, a equipe escolar não tinha um papel ativo nessa socialização, contrastando com a própria atuação dos participantes, que promoviam ativamente, em sua ação profissional, espaços dialógicos de reflexão acerca da socialização, violência, coragem, masculinidade, etc.

Para além da produção acadêmica, o grupo de homens tem participado de **atividades de divulgação e formação** coordenadas pelo NIASE, sempre abordando a prevenção de violência de gênero a partir do debate sobre os modelos de masculinidade. Em formato de entrevistas, dois



vídeos foram gravados para a série disponível em plataforma de compartilhamento de vídeos, intitulada “NIASE em Diálogo”, sendo um deles abordando os conceitos de masculinidades hegemônica, tradicional dominante, tradicional oprimida e novas masculinidades alternativas. O segundo vídeo trata sobre Violência 0 desde 0 anos, abordando o Clube de Valentés.

Em 2017, o NIASE contou com a visita de Aitor Gómez, e foi realizada uma mesa de debate na UFSCar com o título “Novas Masculinidades Alternativas para a Superação de Violência de Gênero”, composta pelo Prof. Dr. Aitor Gómez González, da Universidade de Rovira i Virgili, Prof. Dr. Anselmo Calzolari, do NIASE/UFSCar, e Ernesto Ferreira Galli do NIASE/UFSCar, estes últimos pertencentes ao grupo de homens.

Foi realizada em 2019 uma palestra em comemoração aos 10 anos da disciplina de Feminismo Dialógico, o I Seminário Público de Prevenção e Superação da Violência de Gênero, com o tema: “Novas Masculinidades Alternativas: Homens igualitários contra qualquer tipo de violência”, ministrada pelo Prof. Dr. Anselmo João Calzolari Neto do Departamento de Ciências da Natureza, Matemática e Educação (DCNME/UFSCar Araras). No mesmo evento, também foi realizada uma palestra sobre a “Socialização preventiva de violência na educação infantil: violência zero desde o zero ano de idade”, ministrada pelo Prof. Dr. Alexandre Rodrigo Nishiwaki da Silva do Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas (DTPP/UFSCar).

Uma roda de debate sobre a prevenção de violência em diversos contextos no evento grupo de estudo de pesquisa “Conflito e violência nos contextos educativos”. Todas estas atividades contaram com a presença de um dos integrantes do grupo de homens e abordou a temática de masculinidade. Todos os vídeos, disponíveis no canal do NIASE no YouTube, abordam os temas destacados anteriormente.

A convite, diversas participações de integrantes do grupo aconteceram, nos últimos 5 anos, em debates, formações em escolas e universidades, além de vídeos registrados em alguns destes eventos, as quais têm demarcado as Novas Masculinidades Alternativas como prevenção da violência de gênero. Atualmente, o grupo também tem se dedicado ao debate da masculinidade nos grupos de prevenção à violência direcionada à população LGBTQIAP+, a partir de um projeto de edital universal financiado pelo CNPq, coordenado pelo prof. Dr. Alexandre Nishiwaki da Silva com a participação de diversos integrantes do Grupo de Homens.

Além da ampliação da produção acadêmica, o grupo, que teve início com quatro homens, hoje conta com cerca de 19 integrantes com diferentes formações acadêmicas, atuações



profissionais, autodeclarações raciais, identidades de gênero e orientações sexuais. Com isso, observamos um grande avanço tanto no debate realizado internamente no grupo, quanto na disseminação em diferentes contextos de atuação dos participantes, sobre o exercício das Novas Masculinidades Alternativas e a Socialização Preventiva contra a Violência de Gênero, fortalecendo ao mesmo tempo as escolhas pessoais quanto atuações coletivas propiciadas pela participação no grupo.

Considerações Finais

As atuações que vêm sendo desenvolvidas pelo grupo de homens são formativas e estão diretamente relacionadas com o contexto de desenvolvimento das teorias que apontam conceitos de masculinidades que previnem a violência, reforçando como a ciência contribui diretamente para a transformação da sociedade. Neste sentido, ainda não foi possível mensurar essas transformações por meio de pesquisas, entretanto podemos inferir que, internamente, o debate avança, fortalece nossas interações e promove ações, artigos e produções significativas para a prevenção da violência, muito importante na atualidade.

Temos investido em atuações que se materializam em anúncios, pronunciando o mundo (FREIRE, 2002) nesta temática de socialização preventiva por meio da defesa das Novas Masculinidades Alternativas, mantendo a existência deste grupo com suas características iniciais de estudo, avançando no investimento em formação em diferentes espaços, em prioridade escolas e universidades, ainda que não sejam transformadas em comunidades de aprendizagem, com o propósito de ampliação das atuações e sempre baseados em evidências científicas conforme as pesquisas apontam. Desta forma, o trabalho que o grupo desenvolve tem promovido a prevenção da violência, bem como a formação das Novas Masculinidades Alternativas nos homens que integram o grupo e que difundem esse modelo nas suas relações pessoais.

Para concluirmos este texto-síntese comemorativo, deixamos registrado o exemplo do Prof. Dr. Paulo Eduardo Gomes Bento, um dos pesquisadores fundadores do NIASE em 2002 e também um dos fundadores do Grupo de Homens. Amigo, companheiro de grupo e profissional competente que tivemos o prazer e honra de conhecer e conviver. Em 2019, Paulo nos deixou. Mas, seu consistente e consciente exercício dialógico de Nova Masculinidade Alternativa continua alimentando nossos sentimentos e nosso posicionamento no mundo. Fazemos esta homenagem a este homem corajoso e valente, que sempre se posicionou contra qualquer forma de violência de



maneira pública. Isso nos convoca a continuarmos, juntos, estudando, investigando e intervindo em realidades injustas e desiguais, constantemente inspirados em seu compromisso amoroso de transformar o mundo. Obrigado, Paulo Bento!

Referências

BACHEGA, D. et al. Prevenção de violência contra mulher na formação docente: Análise de uma experiência. **Currículo sem Fronteiras**, v. 19, n. 1, p. 278–292, 2019.

CONNELL, M. Masculinity research and global change., **Masc. Soc. Change**, v. 1, n. 1, p. 4-18, 2012. Disponível em: <https://hipatiapress.com/hpjournals/index.php/mcs/article/view/157> . Acesso em: 16 nov. 2022

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J.W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, p. 241-282, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 out. 2022.

DAHLBERG, L. L.; KRUG, E. G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, 11, 1163-1178. 2007.

DUQUE, E. **Aprendiendo para el amor o para la violencia**: las relaciones en las discotecas. Barcelona: El Roure. 2006.

EUROPEAN COMMISSION. Communication from the Commission to the European Parliament, the Council, the European Economic and Social Committee and the Committee of the Regions. **Tackling Early School Leaving**: a key contribution to the Europe 2020 agenda. Brussels: European Commission, 2011.

FLECHA, R; PUIGVERT, L.; RIOS, O. The New Alternative Masculinities and the Overcoming of Gender Violence. **International and Multidisciplinary Journal of Social Sciences**, 2(1), 88–113, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 22ªed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GALLI, E.F. **Clube dos Valentes**: prevenção da violência e desenvolvimento de amizade na educação infantil. Tese de doutorado. São Carlos: UFSCar. 2020.

GIDDENS, A. **The transformation of intimacy**: Sexuality, love, and eroticism in modern societies. Cambridge, UK: Polity, 1993.

GÓMEZ, J. **El amor en la sociedad del riesgo**: una tentativa educativa. Barcelona: El Roure. 2004.

GÓMEZ, J. et al. **Metodologia comunicativa crítica**. Barcelona, El Roure, 2006.



KAUFMAN, M. Successfully involving men and boys to end violence against women lessons from around the world from the White Ribbon Campaign. **Excerpt of the Conference Stop Domestic Violence against Women - Ten Years of Austrian Anti-Violence Legislation in the International Context**, Vienna, Austria, 2007. Disponível em: <<http://www.michaelkaufman.com/wpcontent/uploads/2009/01/kaufmansuccessfullyinvolvingmenandboystoendvaw.pdf>>.

KESSLER, S., ASHENDEN, D. J.; CONNELL, R.W.; DOWSET, G.W. Gender relations in a secondary schooling. **Sociology of education**, 58 (January), 3448, 1985.

KIMMEL, M. **Manhood in America: a cultural history**. New York: Free Press, 1996.

KRUG. E.G. et al., **World report on violence and health**. Geneva, World Health Organization, 2002.

MELGAR, P., LARENA, R., RUIZ, L., & RAMMEL, S. How to Move from Power-Based to Dialogic Relations? Lessons from Roma Women. **European Journal of Education**, 46(2), 219, 2011.

MELLO, R. R.; BRAGA, F. M.; GABASSA, V. **Comunidades de aprendizagem: outra escola é possível**. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2012.

NISHIWAKI DA SILVA, A. R. **Relações de gênero nos clássicos da didática: reflexões possíveis acerca da ideia de masculinidade**. Tese de doutorado. São Carlos: UFSCar, 2017.

NISHIWAKI DA SILVA, A. R.. Eu, homem e Educador de crianças pequenas: contribuições da Aprendizagem Dialógica para a Educação Infantil. **Retratos da escola**, v. 15, p. 4, 2021a.

NISHIWAKI DA SILVA, A. R.. As contribuições do pensamento de Paulo Freire para os estudos sobre as masculinidades. **Práxis educativa (IMPRESSO)**, v. 16, p. 21, 2021b.

NISHIWAKI DA SILVA, A. R.; CONTI, C. L. A. As ideias pedagógicas de Rousseau e Pestalozzi: apontamentos sobre o projeto de masculinidade iluminista. **Teoria e Prática da Educação**, v. 21, p. 53-66, 2018.

NISHIWAKI DA SILVA, A. R.; CONTI, C. L. A. Notas sobre a masculinidade no pensamento pedagógico de Johann Friedrich Herbart. **Conjecturas**, v. 27, p. e022014, 2022.

OLIVEIRA, K. L. C. de, GOMES, R. Homens e violência conjugal: uma análise de estudos brasileiros. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2011, v. 16, n. 5. Acessado 14 Novembro 2022.

OLIVER, E.; VALLS, R. Violencia de género: Investigaciones sobre quiénes, por qué y cómo superarla [**Gender violence: Research on who, why, and how to overcome it**]. Barcelona: El Roure. 2004.



OLIVER, E.; SOLER, M.; FLECHA, R. Opening Schools to All (Women): Efforts to Overcome Gender Violence in Spain. **British Journal of Sociology of Education**, 30(2), 207–218, 2009.

PADRÓS, M. Modelos de Atractivo Masculinos en la Adolescencia. **Masculinities and Social Change**, 1(2), 165–183, 2012.

PORTELL, D.; PULIDO, C. Communicative acts which promote new masculinities. Overcoming hegemonic masculinity in the workplace and the school. *MSC*. **Masculinities and Social Change**, 1(1), 61–80, 2012.

PREZENSZKY, B. C. et al. School Actions to Prevent Gender-Based Violence: A (Quasi-)Systematic Review of the Brazilian and the International Scientific Literature. **Frontiers in Education**, v. 3, n. November, p. 1–16, 2018.

PUIGVERT, L. The dialogic turn: Dialogue or violence? **International and Multidisciplinary Journal of Social Science**, 1(1), 78–96, 2012.

RÍOS, O. **Socialització De Gènere: La Construcció De La Masculinitat a L'Escola**. [s.l.] UNIVERSITAT DE BARCELONA DEPARTAMENT, 2009.

RÍOS, O.; CHRISTOU, M. Más allá del lenguaje sexista. Actos comunicativos en las relaciones afectivo-sexuales de los y las adolescentes. **Signos**, 43(2), 311–326, 2010.

SANCHO LONGAS, E. El club de valientes. **Cuadernos de Pedagogía**, v. 468, p. 1–6, 2016.

SANDÚA, M. C.; MARA, L. C. The social nature of attractiveness: how to shift attraction from the dominant traditional to alternative masculinities. **International and Multidisciplinary Journal of Social Sciences**, v. 3, n. 2, p. 182-206, 2014. Disponível em: <https://www.hipatiapress.com/hpjournals/index.php/rimcis/article/view/1173>. Acesso em: 06 out. 2022.

SEIDLER, V. J. **Unreasonable Men Masculinity and Social Theory**. Routledge: London, 1994.

VALLS, R.; PUIGVERT, L.; DUQUE, E. Gender Violence Amongst Teenagers: Socialization and Prevention. **Violence Against Women**, 14(7), 759–785. 2008 doi: 10.1177/1077801208320365

VALLS, R.; TORREGO, L.; COLAS, P.; RUIZ, L. Prevención de la Violencia de género en las Universidades: valoración de la comunidad universitaria sobre las medidas de atención y prevención. **Revista Interuniversitaria de Formación Del Profesorado**, 64 (23,1), 41–58, 2009.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Violence against women prevalence estimates**, 2018: global, regional and national prevalence estimates for intimate partner violence against women and global and regional prevalence estimates for non-partner sexual violence against women. Geneva: World Health Organization; 2021. Licence: CC BY-NC-SA 3.0 IGO.